

A Viagem «no largo tempo do Manuelino»

Tiago Cruz

Faculdade de Letras. Universidade do Porto / CITCEM

Resumo

O estudo da viagem em História da Arte assume-se como um importante instrumento para a aferição da mobilidade do conhecimento. Colocadas ao serviço do projeto de arquitetura – a viagem e a circulação artística – permitem que a conceção e a materialização do edificado possam transcender largamente os contextos e as realidades locais e imediatas, revelando a troca de experiências e o conhecimento de outros cenários. Num segundo momento, a viagem – na sua vertente de experimentação e descoberta – poderá também assumir-se como metáfora da revisitação historiográfica e da revisão de conceitos que, a exemplo das novas tendências historiográficas, pretendemos levar a cabo. Reportando-nos ao período da Idade Média, sabemos que a circulação de «formas e ideias», potenciando a confrontação ideológica e a incorporação de novos saberes, contribuiu também para a formação do gosto de mecenas e de autores. Surge assim o interesse em estudar a figura de D. Afonso, Conde de Ourém, um dos mais prestigiados viajantes deste período. Entre 1429 e 1458 terá realizado cinco longas viagens pela Europa, Terra Santa e Norte de África. As obras que mandou executar em Ourém e Porto de Mós revelam um estilo gótico erudito e dão-nos uma visão do cosmopolitismo do seu mentor. Da mesma forma, o triunfo do «gosto mudéjar» em Portugal é associado à viagem e à descoberta, neste caso a visita do rei D. Manuel I a Castela, em 1498. Aqui foi possível conciliar a questão do gosto com a presença em Portugal de uma mão-de-obra bastante qualificada, de pedreiros, nas comunidades árabes.

Por fim, importa indagar de que forma este entendimento do «outro», com o seu conjunto de «formas e ideias» e a necessária e consequente atitude reflexiva em relação ao conhecimento e à sua origem promovem a integração e a formulação de respostas vernaculares, mas simultaneamente originais e profundamente identitárias.

Palavras-chave

Viagem; «largo tempo do manuelino»; tardo-gótico; História da Arte

Abstract

The study of the travel in Art History is assumed as an important tool for measuring the mobility of knowledge. Placed at the service of architectural design – the travel and the artistic circulation – allow that the proposed building could largely transcend the contexts of local and immediate realities, revealing the exchange of experiences. Secondly, travel – in her trial face of experience and discovery – could also be assumed as a metaphor for historiographical revisiting and to the revision of concepts that, as the example of the new historiographical tendencies, we intend to pursue. Referring to the Middle Ages, we know that the movement of «forms and ideas», enhancing the ideological confrontation and the incorporation of new knowledge, also contributed to the formation of the taste of patrons and authors. This raised the interest in studying D. Afonso, Count of Ourém, one of the most prestigious travelers of this period. Between 1429 and 1458 he has carried out five extended trips to Europe, the Holy Land and North Africa. The works ordered by him in Ourém and Porto de Mós reveal an erudite Gothic style and give us a vision of the cosmopolitanism of his mentor. Similarly, the triumph of the «mudejar taste» in Portugal is also associated with travel and discovery, in this case with the visit of King D. Manuel I to Castile in 1498. Here it was possible to reconcile the issue of taste with the presence in Portugal of a well-qualified workforce, of masons, in Arab communities. Finally, it is important to ask how this understanding of the «other», with its set of «forms and ideas» and the necessary and consequent reflective approach to knowledge and its origin

promote the integration and development of vernacular responses, but simultaneously original and deeply identitarian.

Keywords

Travel; «long time of the manuelin»; late gothic; History of Art

1. TEMA, PROBLEMAS, OBJETIVOS, CRONOLOGIA E ESPAÇO

O presente texto resulta de uma revisão crítica da reflexão apresentada durante o VIII Workshop de Estudos Medievais (WEM).¹ A maturação deste estudo, proporcionada pelo intenso debate entretanto decorrido e pelos avanços na investigação, tem permitido integrar – entre vários aspetos – muitas das sugestões e observações efetuadas durante todo o encontro (e não apenas as considerações reportadas diretamente ao trabalho apresentado), na formulação e sustentação de hipóteses de investigação e na clarificação da estrutura final da tese.

A temática selecionada para este encontro científico propunha discutir a viagem, numa perspetiva alargada e multidisciplinar – a que teremos oportunidade de aludir detalhadamente –, permitindo-nos assim explorar uma das diretrizes de maior relevo no presente trabalho de investigação: a viagem como discurso visível e meio indutor / catalisador da intensa circulação e do intercâmbio e cruzamento de «formas e ideias» «no largo tempo do manuelino». Concretizando: no contexto geral da profícua atividade arquitetónica do referido período, a situação de encruzilhada do conhecimento traduziu-se numa singular forma de construir, que não só reflete a abertura e a circulação de novos saberes, como também indicia a modelação e permeabilidade do gosto de mecenas e autores. Importa por isso mesmo, num estudo desta natureza, indagar de que modo a mobilidade artística reflete o espírito crítico e a capacidade de questionar o conhecimento e as suas origens e ancoragens. Como sabemos, este processo de adaptação a uma linguagem internacional (não só no «largo tempo do manuelino», mas também como virá a suceder com as construções de épocas posteriores: Renascimento, Maneirismo, Barroco e Rococó, entre outros), processa-se através de «respostas vernaculares (...), dentro das circunstâncias possíveis, quase sempre originais».²

O intervalo cronológico a que nos reportamos é também, em si mesmo, uma época de grandes transformações e mudanças: sociais, económicas, políticas e culturais. A arquitetura que habitualmente designamos como «manuelina», salvaguardando as suas manifestações mais precoces, foi desenvolvida e consolidada durante o reinado de D. Manuel I (1495-1521), acompanhando o período inicial do de D. João III (1521-1557). Corresponde ao período dos descobrimentos e da expansão ultramarina nacional, tido por muitos como atos fundadores do fenómeno da globalização. Já noutros momentos tivemos oportunidade de abordar este assunto, debatendo a temática da globalização e do seu impacto na forma como foi concebida e como pensamos atualmente a arquitetura construída durante o grande surto da atividade artística do período manuelino. Veja-se, a este propósito, o que foi discutido durante o encontro internacional de investigadores «Mateus Doc X – Globalização | Globalization», em Vila Real.³

Por outro lado, a noção de viagem como instrumento de projeto, sempre esteve presente no atual plano de investigação da presente tese.⁴ A aplicação deste conceito ao

¹ Recorde-se que esta foi objeto de análise pelo Prof. Doutor Luís Mota Figueira (Instituto Politécnico de Tomar) e do comentário de Inês Gonçalves (doutoranda na Universidade de Lisboa), a quem agradecemos os preciosos contributos para o avanço na investigação.

² Vítor Serrão, *História da Arte em Portugal: O Renascimento e o Maneirismo* (Lisboa: Editorial Presença, 2002): 9.

³ Tiago Cruz, “Globalizações, passado e presente”, *Cadernos de Mateus DOC* 10 (setembro 2016): 13-23.

⁴ A comunicação apresentada no Congresso comemorativo dos 500 anos da Torre de Belém permitiu-nos debater este tema, em contexto de encontro científico internacional e num painel

estudo da arquitetura construída «no largo tempo do manuelino» tem-nos permitido indagar em torno da origem dos modelos e de que modo estes são interrogados em favor de uma possível tradução / adaptação à realidade construtiva nacional. Como é do conhecimento geral, a historiografia deste período artístico tem sido alvo de intenso debate e questionamento relativamente à originalidade da arte e da arquitetura que nos legou, bem como acerca de possibilidade de as pensarmos como parte integrante de um hipotético «estilo nacional».¹ Não podemos esquecer também que terão sido as «(...) regionalidades que lhe afeiçoa[ra]m o estigma identitário e certos pessoalismos de estilo (...)»² e que, como também sabemos, «apenas em momentos de exceção [esta arquitetura, bem como toda aquela que, até a reconstrução pombalina será executada em território nacional] se abriu a interpretações mais fielmente canônicas de modelos estilísticos estrangeiros.»³ Sobre as limitações reportáveis à divisão tradicional da História de Arte por estilos, e de forma mais incisiva no que diz respeito à realidade arquitetónica portuguesa, oportunamente teceremos as considerações respetivas.

Embora a presente tese esteja vocacionada para o estudo do património construído, «no largo tempo do manuelino», na região a norte do rio Douro, destacamos a importância de, numa fase inicial, poder alargar a contextualização do objeto de estudo, estendendo-o a todo o território nacional. Acreditamos, desta forma, melhor servir a revisão conceptual e terminológica preparatória ao «trabalho de campo», da pesquisa da experiência espacial no referido edificado.

«A história da arquitetura é, antes de mais nada e essencialmente, a história das concepções espaciais».⁴ Mais se acrescenta que, tirando partido da nossa formação base em arquitetura, a presente investigação adotará, como ponto de vista privilegiado – para além do já mencionado questionamento em torno dos valores da espacialidade – a própria concretização formal (técnicas e ritmos construtivos e materialidade, entre outros) das construções deste período.

Como síntese, propomo-nos efetuar uma verificação, apoiada na História e na Historiografia da Arte, das permanências e continuidades, materializadas (ou não) numa forma de construir portuguesa, contribuindo para uma revisão conceptual do tema.

2. ENQUADRAMENTO HISTORIOGRÁFICO

A historiografia da arte portuguesa tem-nos demonstrado a importância da viagem como possibilidade de cruzamento de influências e como esta contribui para a formação do gosto de mecenas e de autores. Num sentido mais vasto, e tal como tem vindo a ser afirmado, a deslocação / viagem possibilita a migração artística e a circulação de «formas e ideias». Este tema tem suscitado grande interesse por parte de historiadores e geógrafos que têm, por isso mesmo, evidenciado a sua importância na possibilidade de alargamento de horizontes, no cruzamento de influências e na disseminação de ideias. «Nenhum pensador ou historiador pode passar sem os

moderado por Fernando Grilo (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa). Veja-se: Tiago Cruz, “A viagem como instrumento de projeto ‘no largo tempo do manuelino’”, in *Sphera Mundi. Arte e Cultura no tempo dos Descobrimentos*, eds. Isabel Cruz Almeida e Maria João Neto (Lisboa: Caleidoscópio, 2015): 287-397.

¹ Sobre este tema veja-se o que foi escrito em: Maria Leonor Botelho, “Será o Manuelino um estilo (verdadeiramente) nacional? Joaquim de Vasconcelos e a procura do ‘volksgeist’ na arte portuguesa”, in *Sphera Mundi. Arte e Cultura no tempo dos Descobrimentos*, eds. Isabel Cruz Almeida e Maria João Neto (Lisboa: Caleidoscópio, 2015): 499-509.

² Serrão, *História da Arte em Portugal*, 9.

³ Serrão, *História da Arte em Portugal*, 9.

⁴ Bruno Zevi, *Saber ver a Arquitetura* (São Paulo: Martins Fontes, 2002): 27.

viajantes».¹ Multiplicam-se assim as referências a conceitos como transmigração artística, transferência cultural e nomadismo artístico,² só para citar alguns.

Por outro lado, sabemos que determinados termos e expressões como «estilo manuelino» ou mesmo «descobrimientos» refletem debates e iniciativas, por vezes, mais conservadoras. É nossa intenção, numa perspetiva multidisciplinar e sustentada – conforme preconizado pela Unidade I&D de acolhimento CITCEM –, colaborar no alargamento do conhecimento do período manuelino, procurando inovar pela sua revisitação historiográfica. Recorrendo a um regime de coorientação³, propomo-nos explorar, tal como já foi referido, através de uma leitura espacial e construtiva do património, os seus elementos distintivos e particulares, a riqueza do seu simbolismo e seus múltiplos significados.

Por outro lado, as tendências historiográficas mais recentes são ainda mais sensíveis ao facto de que o fenómeno do gótico não se desenvolveu uniformemente no continente europeu e que para uma mais eficaz compreensão desta realidade construída é importante considerar novos pontos de vista e reavaliar considerações anteriores. É, pois, neste sentido que aponta a investigação mais recente, nomeadamente a efetuada pela rede de investigação *TARDOGÓTICO – Grupo de Investigación de Arquitectura Tardogótica*, em Espanha, o projeto da União Europeia *GOTHICmed – Virtual Museum of Mediterranean Gothic Architecture* e o projeto *MAGISTER – Arquitetura tardo-gótica em Portugal: Protagonistas, modelos e intercâmbios artísticos (séc. XV-XVI)*, entre muitos outros. Estes projetos e novas linhas de investigação, ao proporcionarem um amplo espaço de reflexão e debate de ideias, têm vindo a sugerir renovadas oportunidades de abordagem e novas leituras do nosso património construído.

3. FONTES

Temos presente de antemão «(...) o muito que se tem investigado e publicado no contexto da organização dos estaleiros, das viagens dos artistas e das ideias e das técnicas construtivas no período do tardo gótico e do Renascimento em Portugal»,⁴ sendo cada vez mais as publicações dedicadas a este tema.

Se por um lado, nos dias de hoje, o acesso à informação e à consulta bibliográfica está altamente facilitado, por outro lado, torna-se inexequível conhecer toda a investigação produzida em torno de determinado assunto. Partimos, desta forma, para este trabalho de investigação com a consciência de que se apresenta hoje como irrealizável a tarefa de dar por concluído o estado da arte de determinado tema.

Foi colocado ênfase nas obras de referência sobre as diferentes temáticas, bem como na produção científica mais recente, como artigos em congressos da especialidade, em dissertações de mestrado e teses de doutoramento. Isto permitiu-nos perceber os novos dados resultantes de pesquisas mais recentes, bem como identificar tendências historiográficas e novas linhas de investigação.

4. METODOLOGIA

¹ Percy Adams, org. e ed., *Travel Literature through Ages: an Anthology* (Nova Iorque: Garland, 1988): 223.

² Catarina Fernandes Barreira, *Boletim APHA 4 - Actas do III Congresso Internacional de História da Arte «Portugal, Encruzilhada de Culturas, Artes e Sensibilidades»* (Porto: APHA, 2006): 1-7.

³ O presente trabalho é orientado pela Prof.^a Doutora Maria Leonor Botelho (CITCEM/FLUP) e coorientado pela Prof.^a Doutora Teresa Cunha Ferreira (CEAU/FLUP).

⁴ Fernando Grilo, “Francisco de Arruda e a edificação da Torre de Belém (1514 – 1520). Circunstâncias, especificidades e modelos”, in *Sphera Mundi. Arte e Cultura no tempo dos Descobrimientos*, eds. Isabel Cruz Almeida e Maria João Neto (Lisboa: Caleidoscópio, 2015): 201-223.

Partindo de um enquadramento geral na arquitetura gótica europeia e mediterrânica (numa apreensão enquadrada, mas não necessariamente condicionada por uma leitura de matrizes estilísticas) e de uma verificada e comprovada afirmação das especificidades e dos fatores distintivos da arquitetura nacional deste período, promoveremos a leitura e avaliação da sua potencial unidade e coerência, bem como da sua capacidade de adaptação a situações e realidades distintas e particulares. Relevamos aqui a exímia importância do território (entendido em sentido lato) e do modo como ele condiciona formas e estruturas, quer no enquadramento ambiental e paisagístico, quer nos meios que nos proporciona e oferece.

Procurando uma análise e reflexão devidamente sustentadas do património construído, tomaremos como ponto de partida os princípios do questionamento formal e espacial próprios das disciplinas da arquitetura e da construção. Pretende-se que o conhecimento possa ser ampliado, numa perspetiva fortemente orientada pela análise da arquitetura enquanto arte de criar espaços e ambientes. Não se trata certamente de uma questão de linguagem ou de estilo, mas sim de método. De acordo com Bruno Zevi, «quando formos capazes de adotar os mesmos critérios de avaliação para a arquitetura contemporânea e para a que foi edificada nos séculos que nos precederam teremos dado um decisivo passo em frente (...)».¹

Por outro lado, o debate em torno da arquitetura, enquanto obra e pensamento materializado, nos seus condicionalismos e circunstâncias, deverá ser orientado num sentido que permita dilatar as fronteiras do conhecimento e que incite à implementação de leituras mais vastas, complexas e, conseqüentemente, mais integradoras da realidade construída. Ao serem assumidas como documentos históricos privilegiados e como fundadoras de História, as obras de arte e a arquitetura deverão ser explicadas historicamente, como se procura fazer com os factos políticos, económicos ou científicos. Neste sentido, a leitura do passado e da História deverá ser encarada como facto mental, conceptual e não como representação mimética da passagem do tempo. É nosso propósito contribuir, não só para a abordagem e promoção do conhecimento da arquitetura do passado, mas também para um mais esclarecido entendimento do tempo presente e do legado arquitetónico do qual somos herdeiros. Por isso mesmo encaramos este estudo como uma oportunidade única de, num sustentado desenvolvimento e aplicação de competências científicas, contribuir para a sedimentação de uma metodologia projetual de natureza teórico-prática na análise da arquitetura deste período.

5. ESTRUTURA PROVISÓRIA DO TRABALHO FINAL

O presente trabalho de investigação encontra-se estruturado em cinco capítulos distintos. Os primeiros dois promovem um enquadramento interdisciplinar do tema, entendendo a História da Arte como ponto de encontro fundamental e enfatizando a necessidade de a encararmos numa perspetiva global, convocando as diferentes áreas do saber. Neste momento introdutório é também feita uma aproximação teórica ao fenómeno da globalização. Este conceito e esta palavra, tantas vezes usados e poucas vezes compreendidos, permitem-nos abordar a temática deste trabalho em diferentes circunstâncias. Antes de mais, fornecem pistas para um melhor entendimento do contexto histórico nacional nos séculos XV e XVI, com aquilo que alguns historiadores designam como a primeira globalização. Outrossim, estabelece bases para explorar os seus reflexos nas questões da identidade e no estabelecimento de um modo particular de construir: aglutinador mas, ao mesmo tempo, singular.

Complementam este quadro inicial as referências aos campos do Património e Restauro, numa perspetiva de «estado da questão». Daqui retiraremos pistas para uma recriação das diferentes vivências históricas do património construído e de que modo as intervenções históricas respondem a necessidades do seu tempo e, também, como estas influenciaram as leituras historiográficas posteriores.

¹ Bruno Zevi, *Saber ver a Arquitetura*, 4.

Seguidamente será abordada a temática da viagem em três diferentes momentos cronológicos. O primeiro pretende enquadrar o período de génese e formulação da arquitetura objeto de presente análise: o «largo tempo do manuelino». O segundo momento irá contextualizar a descoberta do objeto de estudo em termos historiográficos e da sua perceção em comparação com outros momentos históricos. Por último, num terceiro momento, será feito um apelo à viagem como forma de (re)descoberta do Património construído e da necessidade da sua revisão historiográfica. Pretende-se, acima de tudo, obter esclarecimentos acerca das ligações e pontos de contacto entre diferentes visões do mundo e a forma como a viagem contribuiu para as colocar «em contacto». Serão exploradas, por isso mesmo, os diferentes níveis de experiência sensorial e a leitura polissémica que ela nos permite.

Posteriormente, passaremos à contextualização da arquitetura construída no «largo tempo do manuelino» no fenómeno do tardogótico europeu. Posto isto, é desta forma que pretendemos alcançar a almejada análise da experiência espacial na arquitetura construída durante o período em análise.

CAPÍTULOS:

- I – A História da Arte como ponto de encontro fundamental
- II – As Viagens no «largo tempo do manuelino»
- III – O Tardogótico e a arquitectura do Mediterrâneo europeu
- IV – A arquitectura no «largo tempo do manuelino»
- V – A experiência espacial em arquitectura no “largo tempo do manuelino»

6. DADOS SEMI-TRATADOS, HIPÓTESES OU CONCLUSÕES PROVISÓRIAS

6.1. PENSAR A VIAGEM: A EXPERIÊNCIA E O VIAJANTE

Pensar a viagem revela-se como uma das grandes tarefas do nosso tempo. A ela se têm dedicado com afinco ensaístas, escritores, cientistas, artistas e investigadores das mais diversas áreas do saber. Seja como fonte de inspiração, na conceptualização/materialização de uma visão do mundo ou como instrumento de (re)conhecimento de um passado histórico (mais ou menos distante) e/ou para um entendimento mais ajustado do presente, o ato da viagem e o seu consequente registo revelam um multifacetado campo de possibilidades de abordagem e múltiplas perspetivas de entendimento. Num sentido mais alargado, a viagem possibilita a migração artística e a circulação de «formas e ideias».

A promoção do seu estudo, num contexto multidisciplinar, é fonte de informação privilegiada no campo de estudo da História da Arte e nas Ciências humanísticas em geral. «A sua divulgação constitui um passo importante para a construção de um olhar cada vez mais multifacetado sobre a nossa herança cultural, artística e patrimonial».¹

Se, por um lado, não são indiferentes, os propósitos da narração, o seu enquadramento e as circunstâncias em que ocorrem deverão ser contextualmente entendidos. É, pois, essencial, numa análise académica da viagem e do seu registo, diferenciar a literatura de viagens que tem como ponto de partida a ficção e aquela cujo propósito é fornecer uma base informativa e documental. Nem sempre é fácil determinar a autenticidade de um registo de viagem, podendo existir dúvidas quanto à sua veracidade.² No relato, o real poderá coexistir com a ficção ou servir como base para uma deambulação imaginária. De igual modo, um registo vivenciado, poderá ser complementado com elementos fictícios.

¹ Maria Clara Paulino, *Uma torre delicada: Lisboa e arredores em notas de viajantes ca. 1750-1850* (Lisboa, 2013): 14.

² Paulino, *Uma torre delicada*, 20.

Ao viajarmos somos levados a tomar novos pontos de vista e identificar novas centralidades e linhas de discurso e de pensamento. Ao viajante está reservado um importante papel de mediador e intérprete cultural. Os relatos por si deixados resultam sempre de uma «situação de compromisso» entre a experiência vivenciada e o seu *background* cultural, não serão indiferentes às convicções políticas, religiosas e até ao grau de literacia.

«A valorização da viagem está associada à descoberta do outro».¹ As viagens dos descobrimentos desempenharam, também, um importante papel no domínio da antropologia e da etnologia, sendo os seus relatórios importantes fontes de informação nestes domínios. «La apertura de nuevas rutas en el Atlántico colocó a los europeos ante nuevas realidades humanas y naturales que escapaban a su conocimiento».² São muitas vezes pontos de partida para explorar a etnohistória e a etnolinguística (entre muitos outros caminhos possíveis) de povos colonizados pelos portugueses e pelos espanhóis durante o referido período.

Uma das chaves para uma leitura mais coerente e conforme do passado – e talvez uma das mais justas – é a própria experiência espacial. Só ela permitirá perceber as especificidades do clima, o toque da matéria e a relação com a terra e o mar. Determinados valores como a escala e a proporção deverão ser entendidos no próprio lugar, em confronto direto com as suas várias dimensões contextuais. Neste sentido, só a viagem permitirá apreender a arquitetura, como o corbusiano *jogo sábio, correto e magnífico dos volumes reunidos sob a luz*.³

6.2. A VIAGEM NA IDADE MÉDIA E RENASCIMENTO

Pese embora o facto de que muito do conhecimento do mundo medieval revele um mundo fechado em si mesmo, havia uma grande permeabilidade favorável a trocas e a permutas de bens e saberes. Uma das explicações para este intercâmbio reside no intenso fluxo de rotas e viagens que, durante o período medieval (e de uma forma mais consistente a partir do séc. XIII), percorreu o continente europeu, em toda a sua amplitude. Sozinhos ou em grupo, os viajantes (mercadores, peregrinos, clérigos, artistas⁴ e reis) atravessaram o espaço, dentro e fora dos limites da cristandade.

Os relatos dessas viagens demonstram-nos como elas constituíam, no imaginário medieval, um ponto de confluência entre geografia, história, lenda e mito. Misturam-se muitas vezes as necessidades profanas com a simbologia, a proteção divina e a purgação das almas. Esta intensa circulação terá permitido uma leitura das diferentes realidades existentes e a afirmação de uma matriz consistente de um *Ocidente cristão* capaz de se disseminar por territórios muito vastos e distantes entre si, desde a Escandinávia à bacia do Mediterrâneo.

Joaquim V. Serrão, reportando-se ao período dos descobrimentos, recorda-nos que «[à] simples imaginação das coisas terrenas sucede a “busca” de um mundo que não se achava nos livros, com uma dimensão experimental que era fonte de

¹ Rui Ramos, “Ler a viagem como passagem para o projecto: a lição da casa turca em Le Corbusier”, in *Ler Le Corbusier*, eds. Alexandra Trevisan, Josefina Cubero e Pedro Almeida (Porto: Edições do CEEA/1, 2012): 194.

² Eduardo Vallejo, “Identidad y alteridad en los procesos de expansión ultramarina. El ejemplo de “Le Canarien””, *Cuadernos del CEMYR* 10 (2002): 169.

³ “*L’architecture est le jeu savant, correct et magnifique des volumes assemblés sous la lumière*”. Le Corbusier, *Vers une architecture* (Paris: Éditions Vicent, Fréal & C.^a, 1966): 16.

⁴ No campo das artes e da arquitetura, não podemos deixar de reforçar a grande circulação de artistas e de álbuns de modelos [Maria Leonor Botelho, *A Historiografia da Arquitectura da época Românica em Portugal (1870-2010)*, (Lisboa: FCT, 2013): 537-539]. No seu livro *A viagem das formas*, Pedro Dias fala-nos da influência e transferência estética (Lisboa: Editorial Estampa): 35.

enriquecimento, de um Cosmos que apenas podia ser abarcado na sua realidade objectiva».¹

Dentro do rico conjunto de viagens efetuadas no «largo tempo do manuelino» destacamos a embaixada de D. Manuel I, no ano de 1514, ao papa Leão X [(1475-1521), (pap. 1513-1521)]. Esta tinha como objetivo, não só demonstrar a obediência do reino de Portugal, mas também ver reconhecida a importância do país na propagação da fé católica.

6.3. AS VIAGENS DO CONDE DE OURÉM

A figura do conde de Ourém serve o propósito de demonstrar como a viagem e o contacto com novas realidades permite uma efetiva construção de uma «forma de olhar diferenciada». Tal como será demonstrado seguidamente, o conde visitou algumas das mais importantes cidades do seu tempo, travando contacto com reputadas personalidades. Partimos para o estudo desta complexa figura com a consciência da sua absoluta importância e da relevância da obra que mandou executar no período histórico em análise.

Temos como horizonte temático as suas viagens e o importante papel desempenhado, enquanto mecenas, nos seus domínios em Ourém e Porto de Mós. Em clara correspondência com o seu contexto social e familiar, o conde desempenhou também um papel ativo na configuração de importantes linhas estratégicas da política e dos interesses nacionais.

Afonso de Portugal, posteriormente, Afonso de Bragança (1404-1460) ficou para a história com os títulos de 4º Conde de Ourém e 1º Marquês de Valença². Foi uma personagem singular no contexto do panorama artístico do século XV. Devido ao seu contributo para a história do seu tempo «foi considerado por Pedro Dias, mais um dos membros da Ínclita Geração»³. Recebeu uma cuidada educação (ao cargo do mestre Fernão Álvares [1350-1429], formado em Salamanca), e usufruiu da importância que a sua linhagem possuía na corte portuguesa.⁴

Segundo José C. Vieira da Silva, o conde de Ourém terá sido «um dos mais viajados portugueses do seu tempo».⁵ Para compreendermos a linguagem arquitetónica expressa nas construções que mandou executar, em Ourém e Porto de Mós, é necessário conhecer as «viagens que, ao serviço da diplomacia da coroa, D. Afonso realizou (em 1429 à Flandres, em 1431 a Aragão, em 1436-1438 a Itália e ao Concílio de Basileia, tendo passado por Pisa, Florença e Bolonha, em 1452-1453 de novo a Itália, e em data que desconhecemos a Jerusalém, Damasco e Cairo)».⁶

A sua missão mais importante (e também a mais longa) terá sido a que, entre 1436 e 1438, o levou a Itália como embaixador de Portugal ao concílio de Basileia.⁷ Desta viagem chegou até nós um relato anónimo que nos permite reconstituir as paragens, visitas e contactos estabelecidos durante o percurso.

“Depois de deter o título de conde de Ourém, D. Afonso tinha-se empenhado em trabalhos de beneficiação desta vila. Primeiro, providenciando a reforma dos sistemas defensivos de Ourém. Depois, em 1435, dotando a vila de uma fonte

¹ Joaquim V. Serrão, *A Historiografia Portuguesa I* (Lisboa: Editorial Verbo, 1972): 363.

² O conde de Ourém era filho de Afonso I de Bragança (1377-1461) e de D. Beatriz Pereira de Alvim (1380-1415), e neto de D. Nuno Álvares Pereira (1360-1431).

³ José Manuel Poças das Neves, “Entre Fernando Pessoa e Miguel Torga – Uma abordagem à história de D. Afonso”, *Actas do congresso histórico D. Afonso, 4º conde de Ourém e a sua época*, (Ourém: Câmara Municipal de Ourém, 2004): 243.

⁴ José Custódio Vieira da Silva, *Paços Medievais Portugueses* (Lisboa: IPPAR; 2002): 149.

⁵ Silva, *Paços Medievais Portugueses*, 149.

⁶ Mário Barroca, “Arquitectura Gótica Civil”, in *História da Arte em Portugal – o Gótico*, eds. Carlos Alberto Ferreira de Almeida e Mário Barroca (Lisboa: Editorial Presença, 2002): 117.

⁷ Silva, *Paços Medievais Portugueses*, 149.

pública¹ (...) Cerca de cinco anos mais tarde, e no extremo oposto da vila, junto ao Castelo medieval, D. Afonso começaria a erguer os seus paços”.²

As obras que o conde mandou executar nos Paços de Ourém e Castelo de Porto de Mós (entre outros) revelam um estilo gótico erudito e dão-nos uma visão do cosmopolitismo do seu mentor. Representam episódios significativos da evolução da arte quatrocentista nacional. Para compreendermos a sua obra construída, será necessário perceber a evolução do paço medieval³ no nosso país. «Na verdade, o paço em Portugal não derivou do castelo nem mesmo, quando porventura possuiu torres ou ameias, se lhe assemelhou ou tentou imitar». ⁴ É dentro deste contexto que este modelo tipológico – o paço – se irá assumir «como a habitação por excelência da nobreza». ⁵ Este fator poderá explicar o grande investimento efetuado pelo Conde de Ourém na construção dos seus paços em Ourém e Porto de Mós (entre 1440 e 1460), momentos singulares na arquitetura civil portuguesa. ⁶ Este paço «com a sua implantação soberba e o seu modelo único, [é] revelador da personalidade e necessidade de afirmação do seu construtor, o conde de Ourém». ⁷ O paço de Ourém representa um italianismo ímpar no nosso país. «[P]elas suas características excepcionais, define com clareza a variedade de soluções que a habitação nobre conhece em Portugal no fim da Idade Média (...)». ⁸

Vários elementos como «um coroamento [no edifício do paço de Ourém] com galeria corrida apoiada em arquilhos de tijolo erguidos sobre mísulas prismáticas»⁹ revelam influências das viagens. Esta solução – também conhecida como *becatteli* – está também presente nas torres octogonais do paço de Ourém e no paço de Porto de Mós (ver *imagens 01 e 02, em anexo*).¹⁰

No seu percurso biográfico, e aparentemente devido à recusa do infante D. Pedro em lhe conceder o cargo de Condestável, D. Afonso terá estado envolvido de forma direta nos acontecimentos que desencadearam a Batalha de Alfarrobeira em 1449.¹¹ «Uma das consequências directas deste último facto foi o açambarcamento de mão-de-obra especializada da fábrica da Batalha que havia seguido o infante D. Pedro e que o conde de Ourém colocou ao seu serviço». ¹² Este fato irá, uma vez mais, refletir-se nas obras que mandou executar, quer ao nível de transferência de mão-de-obra, quer à migração de «formas e ideias».

Como ficou demonstrado, pelo exemplo do conde de Ourém, a viagem contribuiu de forma decisiva para a formação de um gosto e para a incorporação, na arquitetura construída em território português, de elementos apreendidos durante as suas longas temporadas no estrangeiro. A conjugação com uma realidade nacional, efetiva-se numa síntese pragmática e eficiente. Este tema será recuperado, em seguida, com uma reflexão em torno da arquitetura «no largo tempo do manuelino».

¹ Segundo José C. Vieira da Silva, esta fonte, juntamente com a de Santarém, «constituem os dois espécimes portugueses mais notáveis deste equipamento urbano medieval» [(2002): 149)].

² Barroca, “Arquitectura Gótica Civil”, 117.

³ Sobre este tema consideramos imprescindível o contributo de Silva, *Paços Medievais Portugueses*, do qual aconselhamos uma leitura atenta. A origem do termo «paço» é objeto de análise nas pág. 19-21.

⁴ Silva, *Paços Medievais Portugueses*, 35.

⁵ Silva, *Paços Medievais Portugueses*, 35.

⁶ Barroca, “Arquitectura Gótica Civil”, 116.

⁷ Silva, *Paços Medievais Portugueses*, 149.

⁸ Silva, *Paços Medievais Portugueses*, 148.

⁹ Barroca, “Arquitectura Gótica Civil”, 118.

¹⁰ “[N]uma solução estética de influência italiana [os referidos arquilhos], comum na Toscana que o Conde de Ourém visitou (presente, por exemplo, na fortaleza de Volterra, no célebre Palazzo Vecchio de Florença, na Torre del Mangia do Palazzo Comunale de Siena e em muitos outros monumentos”, Barroca, “Arquitectura Gótica Civil”, 118.

¹¹ Sobre este tema, veja-se: Humberto Baquero Moreno, *A Batalha de Alfarrobeira: antecedentes e significado histórico* (Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade, 1973).

¹² Silva, *Paços Medievais Portugueses*, 149.

6.4. A ARQUITETURA «NO LARGO TEMPO DO MANUELINO»

A arquitetura do período manuelino deverá ser entendida como uma síntese pragmática e eficiente (como anteriormente exposto). Desenvolve-se num período de transição (e de conjugação de influências múltiplas), congregando elementos do gótico final, bem como princípios do pensamento renascentista e maneirista. Apesar da permanência dos modelos góticos, introduzem-se alterações na composição do espaço interior e na volumetria. Como observa Vítor Serrão, o manuelino traz uma dinamização espacial moderna: podemos encontrar novas soluções na articulação espacial, como as abóbodas de combados e a adoção das igrejas-salão, permitindo levantar as três naves à mesma altura, com uma luminosidade homogênea e uma conceção unitária do espaço (ver imagens 03 e 04, em anexo).¹

A necessidade de exportação dos modelos para o território ultramarino moldou-lhe a marca de representação do poder. A inevitabilidade de adaptação a diferentes contextos traduz-se numa variedade e espontaneidade ecléticas. Na diversidade dos sistemas regionais, revelou uma forte capacidade de articulação e assimilação de elementos locais. Dada a dispersão geográfica, constitui a primeira divulgação de um estilo de arte europeu em espaços culturais tão distantes e diversos.

A arquitetura manuelina sintetiza as vicissitudes de uma forma de construir não necessariamente coerente, mas unificada por princípios comuns. Traduz uma forte relação com o território e com o planeamento da cidade. A vocação para a afirmação e a pontuação do território conduziu-a a um minucioso estudo da escala e das proporções do desenho.

Como vimos, a arquitetura do período manuelino (tal como as obras mandadas executar pelo conde de Ourém, salvaguardando os respetivos distanciamentos temporais e estilísticos) responde, num contexto de múltiplas influências, com uma ação simultaneamente crítica e integradora.

6.5. AS “NOVAS VIAGENS” E A REDESCOBERTA HISTORIOGRÁFICA

“Tal vez una de nuestras tareas más urgentes sea volver a aprender a viajar, en todo caso, a las regiones más cercanas a nosotros, a fin de aprender nuevamente a ver”.²

O ato de viajar apresenta um caráter poliédrico e multifacetado, e a multiplicidade de influências a que Portugal esteve sujeito (incluindo viajantes como o conde de Ourém), traduzem-se numa realidade difícil de classificar.

Por outro lado, a arquitetura Gótica do Mediterrâneo europeu, onde se enquadra a arquitetura do período manuelino, com a sua forte tradição construtiva, coadjuvada pela presença de múltiplas influências civilizacionais ao longo da História, revela uma magistral interação com o território e funciona como um forte estímulo sensorial. Novas rotas de investigação induzem novas possibilidades de releitura deste relevante património construído. A realidade portuguesa, com importantes pontos de contacto com esta tradição construtiva, deverá ser colocada definitivamente nos calendários e programas de estudo da arquitetura europeia.

Estamos de acordo relativamente ao facto de que a arquitetura gerada na Europa do Mediterrâneo, desde o gótico de matriz francesa, em meados do século XII, até à viragem do século XVI (excetuando os pontuais momentos de sincronia), teve um desenvolvimento desfasado do esplendor do gótico francês e distante da arquitetura do

¹ Serrão, *História da Arte em Portugal*, 26.

² Marc Augé, *El Viaje Imposible – El Turismo Y Sus Imagenes*, (Barcelona: Editorial Gedisa, 1998): 16.

renascimento italiano, sendo considerada – de um ponto de vista estilístico (de acordo com as definições tradicionais de estilo) – como subsidiária destas.

“Na verdade, um “estilo” como instrumento de classificação, não poderá ser apenas um conjunto de meios e de regras que detectámos numa criação artística. Ele é mais o resultado de um espírito, o fruto de uma simbiose sistémica de “formas e ideias”, a expressão da “*kunstwollen*” de uma determinada época, dos seus artistas e da sua sociedade”.¹

Uma observação atenta do património construído permite contrariar a ideia de que estas construções são uma mera reprodução pálida e empobrecida dos modelos eruditos. Há que fazer novas leituras. Só um aprofundado estudo permitirá perceber de que forma, a Europa mediterrânica serviu como campo de experimentação para uma série de práticas e de que modo estas refletem permanências, inflexões e continuidades.

¹ Carlos Alberto Ferreira de Almeida, *História da Arte em Portugal: o Gótico* (Lisboa: Editorial Presença, 2002): 12.

7. ANEXOS

7.1. IMAGENS



Imagem 01 – Castelo de Porto de Mós. Fonte: Wikipedia.org (Abril 2016).



Imagem 02 – Paço dos Condes de Ourém. Fonte: Imprensa.cm-ourem.pt (Abril 2016).



Imagem 03 – Abóboda de combados do altar-mor da Sé de Braga. Fonte: Culturanoorte.pt (Abril 2016).

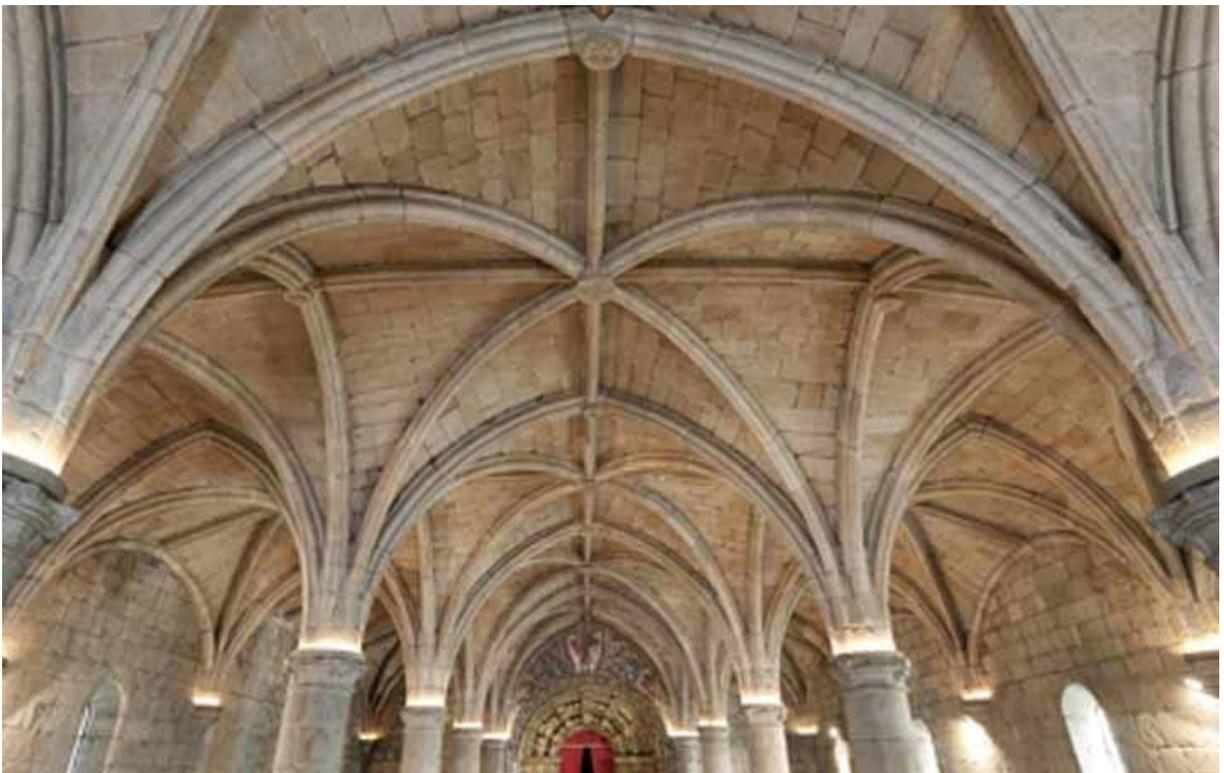


Imagem 04 – Igreja Matriz de Freixo de Espada à Cinta (igreja-salão). Fonte: Culturanoorte.pt (Abril 2016).